

SOU DO CAMPO: COMO ME SINTO NA ESCOLA DA CIDADE?

Maria Eunice T. Leal¹, Domingos R. da Trindade²

1. Graduada em Pedagogia e bolsista PICIN de Iniciação Científica da UNEB - Campus XII
2. Docente e coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão da UNEB - Campus-XII

Resumo

Este relatório é resultado do subprojeto de pesquisa de Iniciação Científica, intitulado **Sou do campo: como me sinto na escola da cidade?**. Os objetivos foram: refletir a antinomia rural-urbano, no intuito de compreender como foram construídos os estereótipos em relação ao lugar, rural e identificar e analisar as percepções dos alunos do campo em relação às suas inserções no contexto da escola da cidade. Os instrumentos de coletas foram observação, diário de campo, análise de documentos e grupo focal. O estudo permitiu compreender como as narrativas no decorrer da história da sociedade brasileira descreveram e ainda descrevem o homem do campo como inculto que vive na pobreza. Apontou que apesar dos estudantes do campo que estudam na escola da cidade reconhecer o perigo que eles enfrentam todos os dias para virem para a escola da cidade, eles gostam de estudar nela, pois é uma forma de garantir o futuro deles.

Aprovação do Comitê de Ética da UNEB. Parecer: Nº 1.226.102.

Palavras-chave: Aluno do campo; Rural-Urbano; Estereótipos.

Apoio financeiro: PICIN/UNEB.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UNEB

Introdução

Este trabalho é resultado do subprojeto de pesquisa intitulado **Sou do campo: como me sinto na escola da cidade?**, vinculado ao projeto de pesquisa de Iniciação Científica **A nucleação de escolas rurais de Guanambi e os sentidos atribuídos à escola da cidade por alunos do campo**. O objetivo do estudo foi analisar as representações de alunos sobre o processo de nucleação das escolas rurais de Guanambi, Bahia, bem como, compreender os sentidos atribuídos à escola da cidade pelos alunos do campo da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental que estudam em escola nucleada na sede do referido município.

No Brasil, muitos municípios têm adotado a política de fechamento das escolas do campo, retirando os alunos de suas realidades. Segundo dados do Censo Escolar/INEP/2014 mais de 37 mil escolas foram fechadas em todo Brasil em 15 anos. A Bahia foi o estado em que mais fechou escolas no campo, totalizando um número de 872 escolas. As regiões nordeste e norte foram campeãs, totalizando 2.363 escolas fechadas nesse período.

A política de fechamento das escolas tem de ser refletida pelos gestores em diálogo com as pessoas que vivem e trabalham no campo, pois tal medida serve de certo modo para reforçar os estereótipos construídos no imaginário da sociedade brasileira de que as pessoas do campo não necessitam de estudo. Historicamente, a sociedade tratou e ainda trata o camponês em um padrão de inferioridade em relação ao urbano, como o pobre alienado que desconhece o contemporâneo e, portanto, a sua cultura está sempre atrasada. Entretanto, é de se questionar esse modelo de civilidade imposto pela sociedade capitalista que não reconhece os diferentes saberes e modos de produção da existência humana.

Diante do processo de fechamento das escolas do campo, bastante acirrado nos últimos tempos e a inserção dos alunos do campo nas escolas da cidade, procuramos na referida pesquisa de iniciação científica refletir a antinomia rural-urbano, no intuito de compreender como foram construídos os estereótipos em relação ao lugar, rural; identificar e analisar as percepções dos alunos do campo em relação às suas inserções no contexto da escola da cidade, no sentido de possibilitá-los a falarem sobre como se sentem na escola da cidade.

Metodologia

Escolhemos como *lôcus* da pesquisa uma escola municipal da cidade de Guanambi, Bahia que foi aberta no ano de 2005 com o processo de nucleação das escolas da rede municipal. A escola era um clube social e foi adaptada para receber os alunos das escolas fechadas no campo. No início esta escola só recebia aluno do campo agora recebe alunos dos bairros próximos e até de outros municípios. No entanto, conforme

informações levantadas a partir das fichas de matrículas do ano de 2017, do total de 720 estudantes, a maior parte dos seus estudantes é do campo, especificamente, um total de 77%.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, por permitir a ação de analisar de maneira mais profunda os aspectos do contexto que contribuíram no desenvolvimento do tema e por proporcionar aos pesquisadores uma interpretação das necessidades dos participantes da pesquisa. Para a construção de uma pesquisa é preciso argumentos que deixe claro sobre aquilo que propomos a investigar, sendo imprescindível conhecer a metodologia que iremos trabalhar. Nesse sentido, recorreremos a uma revisão de literatura: artigos, teses, dissertações e monografias em bibliotecas virtuais e do Departamento de Educação *Campus XII* da UNEB. A pesquisa aconteceu entre os meses de agosto de 2016 a março de 2017. Realizamos fichamentos, resumos, anotações, na perspectiva de construirmos um embasamento teórico acerca da problemática discutida.

Para tal intento, utilizamos como instrumentos de pesquisa: observação, diário de campo, análise de documentos e grupo focal. No que se refere à observação inserir-me no contexto dos estudantes, e observei os espaços da escola que eles utilizam, sendo: O pátio na hora do recreio, as atividades da hora cívica, reuniões de pais e mestres, a merenda, a chegada e a saída dos alunos e seus comportamentos dentro da sala de aula. Durante o período de observação pude obter muitas informações importantes sobre como os estudantes do campo se inseriam no contexto escolar e para registra-las, utilizei o diário de campo para anotar aspectos do dia a dia dos estudantes, inclusive a visão deles sobre serem do campo e estudarem em uma escola na cidade, bem como, as inquietações que me surgiam no decorrer da investigação. Também fizemos análise das fichas de matrículas e do Projeto Político Pedagógico da Escola.

Outra técnica utilizada foi o grupo focal onde vivenciei um pouco dos sentimentos que os coautores da pesquisa as sete estudantes do ensino fundamental II, especificamente do 8º ano C do turno vespertino têm em relação ao espaço escolar que as mesmas frequentam. Cabe destacar ainda, que foi feito o convite para 18 estudantes entre homens e mulheres que são do campo e estudam nessa mesma sala, no entanto, apenas sete meninas tiveram o interesse, os demais disseram que não estavam a fim, outros relataram que os pais não deixaram, assim, todas as decisões foram respeitadas. A pesquisadora adotou todos os cuidados éticos da pesquisa com seres humanos.

Resultados e Discussão

Revisitar a literatura sobre a temática Educação no/do Campo permitiu-me compreender como o discurso hegemônico no decorrer da história da sociedade caracteriza o homem do campo como “caipira” que vive na pobreza, inferiorizando-o, e, o homem que mora na cidade como o de estilo despojado.

Frente a tal situação discriminatória que ainda hoje é legitimada e reforçada de diversas formas, como as crianças do campo vão gostar do lugar que elas vivem, se a forma que a sociedade descreve esse espaço é de um ambiente atrasado, sem meios tecnológicos, com escolas que ensinam errado, pessoas preguiçosas e que não se vestem conforme os padrões ditados pela moda?

Se contrapondo a esse pensamento, é que nasce a Educação do Campo. Os camponeses precisam ter “suas especificidades respeitadas e tratadas numa perspectiva de inclusão” (BATISTA, 2006, p. 8). Desse modo, os alunos do campo têm direito a uma educação que “valorize a identidade e a cultura dos povos do campo” (SOUZA, 2008, p. 1098).

Nas relações com a diversidade e outras culturas vamos ressignificando nossos conhecimentos e firmando nossas raízes no lugar que vivemos. Quando questionamos às alunas do campo se elas gostam de estudar na escola da cidade, obtivemos as seguintes respostas: *apesar de correr vários riscos de trânsito todos os dias ao vir e voltar para casa, é muito divertido estudar em escolas na cidade, conhecer novos amigos e amigas, além disso, vemos paisagens muito belas ao vir e voltar e com isso aprendemos e conhecemos várias coisas muito legais* (Estudante , grupo focal, 11, maio, 2017). Outra estudante relata que, *sinceramente é difícil a caminhada de todos os dias, mais o bom que nós garantimos o futuro. Nossos pais ficam de coração partido ao ver nós correndo riscos todos os dias na estrada mais compreendem que é para o nosso bem e para nós orgulhar a família* (Estudante 2, grupo focal, 11, maio, 2017). As alunas relatam também que não sofrem discriminação por ser do campo.

O professor precisa fazer da sua prática pedagógica uma experiência de valorização do *saber prévio* e partir dele preparando situações que proporcionem um espaço democrático onde todos ensinam e aprendem. É certo que existem muitas coisas que as pessoas não conhecem no campo, mas também têm muitos conhecimentos, assim como em qualquer lugar, o campo é vida que pulsa, como expressa uma estudante: *O lugar que eu moro é maravilhoso têm rios, árvores, animais, só não é, mais bom porque a chuva é pouca e por esse mês agora é uma seca, então fica triste.* (Estudante 2, grupo focal, 11, maio, 2017).

A fala dessa jovem estudante reforça a ideia que não podemos mais dar espaço às narrativas que desconhecem a beleza e as potencialidades do campo. Evidentemente, que não podemos ter uma visão nem discriminatória do rural tão pouco romantizada como são apresentadas por parte da literatura, e principalmente por muitos livros didáticos. O campo é espaço de contradições, de conflitos e também de cultura, de saberes.

Conclusão

Foi possível com essa pesquisa discutir com base nas produções existentes, a antinomia rural-urbano e

os estereótipos que foram construídos ao longo dos anos em relação ao homem do campo e que ainda hoje se encontra internalizados na nossa cultura. Por isso, o projeto político pedagógico da instituição escolar não pode está desvinculado da realidade cultural, social, econômica e políticas dos estudantes. Apesar das dificuldades para as alunas do campo acessar a escola, elas gostam de estudar na escola da cidade. Por isso, é preciso que a escola trabalhe com conteúdos e metodologias que valorizem as especificidades do campo. Segundo Weid (1987) cabe à escola oferecer em seu Projeto Político Pedagógico as condições para que os alunos do campo criem e vivenciem conhecimentos que tenham significados em suas vidas, superando a visão tradicional e estereotipada de que os sujeitos que vivem nesse contexto são atrasados. É preciso (re) construir um novo olhar acerca do ambiente rural.

Referências bibliográficas

BATISTA, M.do S.X. **Os movimentos sociais cultivando uma educação popular do campo**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29. Caxambu, 2006.

INEP. **Censo Escolar de 2014**. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/censo-escola>>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

SOUZA, M. A. **Pesquisa em educação e movimentos sociais do campo**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31. Caxambu, 2008.

WEID, N. F. Von. Buscando caminhos para a educação rural: a criança do campo e seu aprendizado na vida. **Educação em Revista**, UFMG, n.5, jul. 1987. p. 2026.